

## A manifestação que não passou de comício de pré-campanha de Ventura

29.06.2020 às 18h38

Aquela que seria uma manifestação do Chega para contestar a ideia que existe racismo estrutural no país acabou por revelar-se uma marcha política de André Ventura em pré-campanha para Belém. Nada que não fosse esperado, segundo os especialistas ouvidos pelo Expresso



**LILIANA COELHO**



**TIAGO MIRANDA**

Foi abaixo do número esperado por André Ventura. Cerca de um milhar de pessoas desceu no sábado a Avenida da Liberdade rumo ao Terceiro do Paço na manifestação convocada pelo Chega sob o mote "Portugal não é racista". Pelo meio houve braços levantados com mão esticada, muitas bandeiras nacionais e do partido, assim como *slogans* provocatórios – "Racismo é distração", "Políticos corruptos" ou "Ter direitos é ter deveres". Aquela que seria uma ação de rua para contestar a ideia que existe racismo estrutural no país acabou, no entanto, por revelar-se um comício de André Ventura em pré-campanha para Belém. Nada que não fosse previsível, segundo os especialistas ouvidos pelo Expresso.

“Na prática, o tema do racismo foi o pretexto para promover o partido e os objetivos de André Ventura. O facto de existirem eleitores que não se revêem nos discursos atuais sobre o racismo, mas que votam noutros partidos, foi visto como uma oportunidade para mobilizar apoiantes para o Chega”, diz ao Expresso Susana Salgado, investigadora e professora de Comunicação Política do Instituto de Ciências Sociais (ICS).

Segundo a investigadora, se Ventura tivesse optado antes por agendar um comício partidário provavelmente o evento não reuniria o mesmo número de pessoas, uma vez que tal seria visto como uma "demonstração partidária" e não como uma tomada de posição sobre um tema atual que está em debate na sociedade. "A posição sobre o racismo podia ser mencionada num suposto comício, mas um comício não teria a mesma força mobilizadora para camadas mais amplas de eleitores", sublinha.

### **“ESPETÁCULO POLÍTICO” PARA MOBILIZAÇÃO INTERNA**

Também José Adelino Maltez considera que a manifestação do Chega se transformou "previsivelmente" num "espetáculo político" para mobilização interna com projeção externa em pré-campanha para as Presidenciais. "Mais do que um comício foi uma instalação à procura de um lugar na estética do Chega. Foi o primeiro sinal de rua do partido. E Ventura acabou por passar na prova, porque a manifestação decorreu sem incidentes. Em Espanha e França quando há protestos de grupos destes há sempre contra-manifestações", observa o politólogo.

Questionado sobre se o discurso do líder do Chega não é contraditório com o mote da manifestação, Adelino Maltez diz não ter dúvidas e ironiza: "Sem contradição não é o Chega. A comunicação social e os portugueses têm que se habituar".

Já António Costa Pinto entende que "não existe nenhuma contradição" quando o líder do Chega citou, por exemplo, Sá Carneiro durante o seu discurso no final da manifestação no Terreiro do Paço. De acordo com o politólogo, os partidos populistas "não têm a coerência ideológica da extrema-direita", pelo que Ventura pode de facto invocar o facto de ser herdeiro de Sá Carneiro, por ter vindo do PSD e o Chega ter vários militantes que passaram pelo partido.

### **ANTIGA BANDEIRA DA DIREITA PORTUGUESA E “VISÃO LUSO-TROPICALISTA”**

Além disso, André Ventura "vai explorando os temas da atualidade e assume o rótulo de um partido que não é racista, assinando a antiga bandeira da direita portuguesa, que é uma visão um pouco luso-tropicalista, ao contrário das outras potências coloniais", frisa Costa Pinto.

No fundo, o líder do Chega aproveita para insurgir-se contra o que diz ser uma "discriminação positiva" das minorias, ao defender direitos iguais, ao mesmo tempo que insiste no tema clássico da bandeira anticorrupção e contra a "classe política degenerada", aponta o ideólogo. "O que tem sido muito claro por parte do Chega é a grande capacidade de utilizar bandeiras e mensagens para ter impacto nas redes sociais, na comunicação social e na própria sociedade. Este foi só mais um exemplo", realça Costa Pinto.

Já o braço levantado de André Ventura durante a manifestação, associado à simbologia de extrema-direita, não terá sido intencional, segundo os politólogos. Para Costa Pinto, esse tipo de simbologia ser-lhe-ia "muito danosa eleitoralmente" e apesar de Ventura até gostar de alguma "provocação mediática", tem consciência de que esse gesto "não lhe rende votos", enquanto Adelino Maltez diz acreditar que o líder do Chega teve o cuidado de "doutriar" os militantes e simpatizantes para não protagonizarem esse tipo de gestos durante o evento. "Também vi a mão fechada e braços no ar em algumas imagens. Talvez tenha sido involuntário, no calor do momento", atira.

Pedro Magalhães, investigador principal do ICS, considera por sua vez que o gesto protagonizado, no sábado, por Ventura eliminou "por momentos" a distinção entre a extrema direita e a direita radical, da qual o Chega e o Vox fazem parte. "Claro que, nas manifestações do Vox, já houve várias vezes saudações fascistas e o "Cara al sol". Mas Abascal, que eu saiba, nunca se deixou cair nessa. "Ó André, não levantes a mão assim que eles vão já fotografar isso". Tarde demais", escreveu o investigador no Facebook.

Com a agenda política interrompida por três meses devido à Covid-19, André Ventura põe o pé no acelerador e já tem vários jantares-comício marcados até setembro. Sem a possibilidade de organizar os habituais comícios devido às restrições impostas pela Direção-Geral de Saúde (DGS), o líder do Chega resolveu adotar este modelo de eventos que culminam num discurso final do candidato a Belém. Mesmo no dia da manifestação que terminou no Terreiro do Paço, Ventura seguiu depois para Santarém para participar num jantar da distrital do partido nos mesmos moldes.